

"Presidente Vargas" entre a narrativa mitológica e a narrativa histórica

Marcelo Hornos Steffens*

Resumo: Busco analisar algumas características da escrita biográfica, a partir do livro de Paul Frischauer, "Presidente Vargas" (1943). Nessa biografia, o escritor austríaco - que teria sido contratado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) especialmente para produzir essa obra sobre Getúlio Vargas — lançou mão de uma série de recursos narrativos — perigo de invasão estrangeira, infiltração dos nazi-fascistas e comunistas nas redações de vários jornais — para justificar, de alguma forma, a instalação, em 10 de novembro de 1937, da ditadura do Estado Novo. Mas, além disso, vale ressaltar que em muitas passagens o texto de Paul Frischauer assume a forma de uma narrativa mitológica, na forma e na direção da conceituação de Raoul Girardet na obra "Mitos e mitologias políticas". Assim, procuro identificar neste trabalho a presença dessas passagens e verificar sua ocorrência em outras obras desse gênero.

Palavras-chave: Biografias — Estado Novo — Mitologias políticas

Résumé : Je cherche pour analyser quelques caractéristiques de l'écriture biographique, le départ du livre de Paul Frischauer, "le Président Vargas" (1943). Dans cette biographie, l'auteur autrichien - qui aurait été contracté sur le DIP particulièrement pour produire ce travail sur Getúlio Vargas - il a jeté la main d'une série de ressources de récit - le danger d'invasion étrangère, l'infiltration du fasciste nazi et du communiste dans les compositions de plusieurs journaux - pour justifier, d'une certaine façon, l'installation, le 10 novembre 1937, de la dictature du Estado Novo. Mais, en plus, il vaut la peine de se détacher que dans beaucoup de passages le texte de Paul Frischauer assume le forme d'un récit mythologique, en forme et dans la direction de concept de Raoul Girardet dans le travail "Des Mythes et des mythologies politiques." Comme cela, j'essaye d'identifier dans la présence de ces passages et vérifier sa présence dans d'autres travaux de ce genre.

Most-clés: Mythologies politiques — Biographies

Introdução

Este texto analisa uma dentre as várias biografias publicadas sobre Vargas no período compreendido entre 1939-1945. A obra de autoria de Paul Frischauer, *Presidente Vargas*, é publicada no ano de 1944, pela Companhia Editora Nacional. Essa biografia apresenta algumas características narrativas que a aproximam, em muitos aspectos, da chamada narrativa mitológica analisada por Raoul Girardet. Este texto pretende apontar e analisar alguns momentos dessa “coincidência narrativa”.

O autor e a obra

* Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Sobre Paul Frischauer encontraram-se informações esparsas. É austríaco, e também autor de várias outras biografias.¹ Esteve exilado em Londres em virtude da guerra e do nazismo, “[...] veio ao Brasil contratado pelo DIP [Departamento de Imprensa e Propaganda] para escrever uma biografia de Vargas que seria editada não só em português, mas também em francês e inglês” (DHBB, 2001: 5930). Assim como ele, outros intelectuais e jornalistas estrangeiros visitaram o país a convite do governo brasileiro, aparentemente para melhorar a imagem do país no exterior, pois as desconfianças quanto às simpatias de Vargas em relação ao eixo eram grandes.

Por ocasião do lançamento da biografia *Presidente Vargas*, houve, na revista *Cultura Política*, a seguinte análise:

Essa biografia, por exemplo, pertence à classe das que podem ser incluídas, sem exagero, no rol das obras de arte. Escrita com extraordinária segurança, num estilo que constitui, para nós, uma positiva surpresa, sentimos, ao lê-la a mesma agradável sensação de redescobrimto que sentimos quando, o visitante pelo braço, lhes mostramos os sítios conhecidos, encarecendo a sua beleza a que estamos acostumados e que, apesar disso, como que descobrimos pela primeira vez, ao “explicá-la” ao novo contemplador. Tudo o que se diz, aqui, sobre a estranha personalidade do estadista ou do homem não pode, é óbvio, constituir novidade para nós. A novidade reside, tão só, no modo porque essa personalidade é encarada, é estudada, é “adivinhada”, de um ângulo completamente imprevisto, considerando-se não só a formação literária européia de seu autor, como a própria formação humana. É um homem de outras terras, representativo de outras formas de vida e de outra cultura, apreciando o homem que, no Brasil, encarna, como poucos, a média de nossas virtudes, todas as qualidades do homem de todos os tempos. (*Cultura Política*, ano 03, número 33, out. 1943, p. 187-88).

Vale ressaltar a importância dada pelo regime à presença desse autor estrangeiro. Frischauer teria a tarefa de corroborar, ou não, com as percepções que os brasileiros tinham a respeito do chefe da nação. Assim, não se poderia acusar o regime — ditatorial — de tentar inculcar uma imagem positiva de Getúlio Vargas, uma vez que quem confirmava aquelas predições era um homem de fora, com uma cultura e uma formação distintas da nossa. Portanto, o que se falava de Vargas, — o homem-síntese do brasileiro — internamente, era comprovado como verdadeiro pelo olhar de fora.

Os detratores de Getúlio Vargas, por sua vez, não pouparam das críticas Paul Frischauer. Por exemplo, Cláudio de Araújo Lima, que pareceu referir-se a Frischauer ao afirmar que uma das práticas da ditadura de Getúlio Vargas era a de contratar certo tipo de intelectuais para escreverem obras elogiosas ao regime. “Que se encomendem biografias, de

¹ *Beaumarchais: o aventureiro do século da mulher*. RJ: Cia. Editora Nacional, 1942. *Garibaldi: herói de dois mundos*. s/l, Vecchi editor, s/d. Além disso sua biografia de Getúlio Vargas foi traduzida para o francês: *Getulio Vargas: um portrait sans retouches*. s/l. Americ, 1944, versão Pierre Morel.

preferência escritas por autores estrangeiros, por qualquer aventureiro de nome arrevesado, que a imprensa dirigida promoverá urgentemente, de último a primeiro escritor da sua pátria de origem” (LIMA, 1955: 115).

Na mesma linha crítica, Affonso Henriques afirma que Frischauer não passava de um “[...] aventureiro austríaco pago pelo DIP especialmente para escrever essa biografia” (HENRIQUES, 1966: 40, Vol. 1).

Para que os leitores possam fazer idéia de como se deturpavam os fatos históricos durante as trevas do “Estado Novo”, damos a seguir a versão desse crime na obra “Presidente Vargas”, escrita pelo mercenário estrangeiro Paul Frischauer, pago principescamente pelo DIP especialmente para endeusar o ditador. O motivo de haver o ditador contratado esse estrangeiro para escrever a sua biografia constituiu mais um dos golpes do Sr. Getúlio Vargas para “despistar” a opinião pública, principalmente do exterior. É que ninguém mais acreditava nos incensadores nacionais. Todo mundo já estava a par da nova indústria das obras favoráveis a Vargas, por meios das quais todos os intelectuais em dificuldades de vida e desprovidos de escrúpulos podiam resolver seus problemas financeiros sem grandes dificuldades, quer recebendo a paga em dinheiro, quer sendo aquinhado com polpudas sinecuras (HENRIQUES, 1966: 56, Vol. 1).

O contexto da escrita

A biografia “Presidente Vargas” é publicada durante o Estado Novo, período autoritário, mas que representa a existência de um projeto de construção nacional, que passava pela disciplinarização dos trabalhadores para o trabalho, pela regulamentação econômica e por um projeto cultural, que assinalaria os “verdadeiros” valores nacionais: seus mitos e sua história. (OLIVEIRA, VELLOSO, GOMES, 1982). Como afirma Gomes:

Projetar um novo Estado era, assim, investir na produção de lealdade-legitimidade, que englobaria os futuros cidadãos e, sem dúvida, aqueles já definidos (ou ao menos potencialmente definidos) como tais. O futuro não se faz sem o passado, e este é um ato humano de rememoração. Seria básica a realização de um processo de “narração” da história, que identificasse os acontecimentos, os personagens e “os sentidos” de seus atos (GOMES, 1999: 23).

Paul Frischauer encontra-se dentro deste processo. Sua obra tem a função de aproximar o “povo” do governo e o governo do “povo”, comprovando que o governo autoritário de Getúlio Vargas tinha as melhores intenções possíveis e que ele, chefe do governo, estava alinhado, sem sombra de dúvida, aos inimigos do nazi-fascismo.

Vale ressaltar que quando da publicação da biografia, houve reflexões sobre suas contribuições características. Segundo Gomes, havia

o reconhecimento da importância das biografias, romanceadas ou não, nessa literatura histórica. Para [o historiador] Hélio Viana, seu valor não era bem compreendido no meio intelectual, de forma que um cuidado compatível com sua presença lhe fosse dedicado. Ele inclusive estimulava aqueles que desejassem se dedicar ao gênero, destacando que sua “boa” execução afetava de forma favorável ou perniciosamente os estudos históricos (GOMES, 1999: 153).

A importância das biografias nesse contexto, conforme Gomes, relaciona-se às reformas do ensino — Campos, em 1931, e Capanema, em 1942.

A reforma Campos adotara o princípio do ensino em círculos concêntricos, sendo uma matéria estudada no curso fundamental e revista, em nível mais profundo, no curso complementar. No exemplo em questão, a primeira série era dedicada a uma “história biográfica e episódica” que apresentasse a narrativa da vida de grandes nomes ligados à história do Brasil e da América, de forma a despertar o interesse do aluno e prepará-lo para estudos mais sistemáticos posteriores. Esse princípio de ensino por currículos concêntricos, bem como a postulação da utilização de uma “história biográfica” como iniciação aos estudos históricos em geral não são rompidos pela reforma Capanema (GOMES, 1999: 153).

Assim, mesmo com uma função introdutória e superficial, as biografias estão efetivamente inseridas no projeto cultural do período. Sua produção era considerável (GOMES, 1999: 153), não apenas pelo seu uso massivo na escola, mas também porque as biografias deviam produzir uma certa consciência nos alunos, através do conhecimento dos principais acontecimentos e dos vultos históricos.

A admiração pela personalidade humana e por seus grandes feitos estava na base da compreensão do sentido de nossa história e da construção das noções de dignidade e responsabilidade cívicas. Como o ensino, à época, distinguia as classes por sexo, havia o cuidado em recomendar biografias de mulheres que destacassem as qualidades da personalidade feminina e sua influência na sociedade e na família brasileiras (GOMES, 1999: 153).

Do ponto de vista da definição mais exata das características da escrita de gênero biográfico, encontramos algumas considerações importantes. A revista *Cultura Política* fez referência ao lançamento da biografia *Presidente Vargas* em francês.² Definindo, assim, o autor e a obra:

Merece especial menção o aparecimento do grande livro “O presidente Vargas”, do historiador austríaco Paul Frischauer. [...] Há em Frischauer, a par do historiador, o jornalista de excelentes qualidades, vivo, alerta, elegante. Consegue, assim, despojar a narrativa biográfica de dissertações prolixas. Suas páginas, em que prevalece a fidelidade do historiador, são movimentadas e trepidantes, com uma trepidação bem semelhante a da obra jornalística (CULTURA POLÍTICA, 1944: 216-17).

² FRISHAUER, Paul. *Getúlio Vargas — Un portrait sans retouches*. s/l: Americ-Edit, 1944.

Apesar da ausência de uma maior demarcação do campo da história, o autor da análise da obra de Frischauer assinala certas distinções entre a escrita do historiador e do jornalista, da biografia e das dissertações. O jornalista que escreve biografias tem um texto mais fluido, e, pressupõe-se, de mais fácil compreensão, diferentemente do historiador. Ressalta-se que essa é uma observação/tensão que acompanhará a escrita biográfica e a escrita historiográfica, até recentemente.

Localizamos também em *Cultura Política* outra distinção entre escrita historiográfica e literária, entre o romance e a história.

Entre os livros mais interessantes, aparecidos durante o mês, destaca-se, pela sua importância, não só literária como política, esta nova biografia O Presidente Vargas de autoria do Sr. Paul Frischauer, escritor de origem austríaca e de enorme projeção e prestígio nos círculos intelectuais do mundo. A novidade de uma biografia (que é sempre uma espécie de transição entre o romance e a história) não está, evidentemente, no volume de dados inéditos que abordar, mas como deve ser, no modo porque foi realizada. [...] Por isso, não é passado, tão só, que encontraremos nestas páginas. O passado de uma vida ou o passado de uma nação. Mas o presente de uma vida inteira consagrada ao bem público, à família e à pátria, e o futuro que esta mesma vida sobe preparar, cuidadosamente, à frente do poder, para o cumprimento do nosso destino (CULTURA POLÍTICA, 1943: 187-88).

A biografia

Paul Frischauer apresenta uma série de preocupações com a escrita de uma biografia, assim como dá indicações, não muito sistematizadas, sobre o seu método de elaboração e pesquisa. Segundo ele, escrever uma biografia sempre foi uma empreitada cheia de riscos, particularmente quando o autor se dedica a escrever sobre alguém vivo. Para Frischauer “um simples ‘não’ ou ‘não foi assim’ do protagonista pode desnortear, pôr fora de combate, até, a força de imaginação do autor e sua faculdade de concatenar os fatos; uma atitude imprevista do biografado pode, do mesmo modo, falsear-lhe a perspectiva do futuro” (FRISCHAUER, 1944: 5).

A escolha de Getúlio Vargas, segundo o autor, como protagonista de sua biografia deu-se de maneira aleatória. Conforme o autor, seu primeiro contato com o nome ocorreu em 1936, quando ele e um amigo, em Londres, discutiam sobre a possibilidade de uma interpelação parlamentar contra Getúlio Vargas, em favor de presos políticos, após a malograda revolta de 1935, que teriam sofrido torturas patrocinadas pelo regime. O autor, conforme confessa, pensou: “[...] presidente de República sul-americana, ditador é” (FRISCHAUER, 1944: 8).

Tempos depois, ainda na Europa, Frischauer relatou que lhe caíra nas mãos um cartão-postal com os retratos de “três estadistas”: no meio Hitler, à esquerda Mussolini e à direita Vargas. A primeira sensação que Frischauer teve foi a de confirmação de sua teoria, de fato Vargas era um ditador a copiar os métodos de Adolfo e Benito.

Ainda envolvido com suas atividades de pesquisa para um livro que nada tinha a ver com o Brasil, Frischauer visitou o museu de polícia de Viena. Encontrou algo que o surpreendeu. Num material de propaganda nacional-socialista viu, na forma de cartões-postais ilustrados, um que exibia os retratos, muito parecido com o que tinha visto anteriormente, mas que apresentava um terceiro personagem diferente: no meio Hitler, à esquerda Mussolini e à direita Dollfuss.³ O autor conta que ficou pasmado. “Sabia muito bem, graças à amizade pessoal com o pequeno chanceler austríaco, que [Dollfuss] fora o mais enérgico adversário do nacional-socialismo em meu país” (FRISCHAUER, 1944: 9).

Conforme lhe foi explicado pelo diretor do museu, os cartões foram impressos no Ministério da Propaganda, em Berlim, e se destinavam aos austríacos que estavam em dúvidas e que simpatizavam apenas com algumas partes do programa nacional-socialista. Os postais pretendiam mostrar que se podia ser hitlerista e ao mesmo tempo dollfussista. Dollfuss foi assassinado, por nacional-socialistas disfarçados de guardas. Conforme Frischauer, “pela primeira vez, ocorreu-me que os dias do Dr. Getúlio Vargas não deviam estar muito seguros, visto a propaganda nacional-socialista haver-se apoderado dele” (FRISCHAUER, 1944: 10).

Vale ressaltar que Frischauer estabelece uma série de aproximações entre Dollfuss e Vargas que vão além do caso dos cartões-postais. Tanto Dollfuss quanto Vargas enfrentaram um “putsch” comunista. Dollfuss, segundo ele, foi objeto, até a sua morte, de uma estranha frente de oposição que envolvia comunistas e nacional-socialistas. — “Stalin tolerava que os agentes do Komintern auxiliassem o nacional-socialismo no combate a Vargas, que combatia o nacional-socialismo” (FRISCHAUER, 1944: 11).

Frischauer percebera as semelhanças entre Dollfuss⁴ e Vargas. Seria Vargas um governante totalitário? Havia razão nessa campanha? O autor tentou responder, ao longo da biografia, a essa pergunta.

Para além das questões da política internacional, Frischauer retomou suas reflexões em torno do desafio de escrever uma biografia sobre o chefe de governo de uma república sul-

³“Por volta de 1930, [a Áustria] passou a ser sacudida por graves conflitos internos, suscitados principalmente pelos grupos nazistas. Em 1933 o governo de Engelbert Dollfuss [1892-1934] dissolveu o Parlamento e implantou um regime autoritário. Houve o malsucedido levante socialista (1934) e a abolição dos partidos, menos o da Frente Patriótica de Dollfuss, que, assassinado pelo nazismo, foi sucedido por Kurt von Schuschnigg. Este, embora se esforçasse pelo apoio dos aliados, acabou assinando com Hitler (1936) um acordo que favorecia a Anschluss (anexação). Em março de 1938 o chanceler austríaco anunciou um plebiscito sobre a incorporação à Alemanha. A reação de Hitler foi imediata, invadindo o país, que se converteu em província do Reich”. *Verbete Áustria*. In: Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Cd-rom.

⁴ Todavia, Paul Frischauer omitiu alguns traços “polêmicos” ou pouco honrosos da postura política de Dollfuss. O chanceler austríaco transitava entre a simpatia pelo nazismo — e a sua proposta de incorporação da Áustria à grande Alemanha — e o nacionalismo austríaco, mais distante do nazismo e mais próximo da Itália e da Igreja Católica, o que de alguma forma contribuiu para o seu assassinato. Dollfuss era, também, anti-semita. *História do Século 20 (1934-1942)*. Vol. 4. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p.1574-1580.

americana. O autor afirmou não ter recebido nenhum privilégio para reconstruir e interpretar a trajetória de seu protagonista, posição que reforçou a idéia de que ele teria tido ampla liberdade de movimentação e até certo modo encontrava-se isento das mais variadas pressões.

Disse ele:

Por não ter privilégios, sou privilegiado. Embaixador da opinião pública, não estou sujeito a nenhum cerimonial. Posso, à vontade, olhar a meu redor, sem inteiriçar-me na rígida atmosfera formalista do código de cortesia internacional (FRISCHAUER, 1944: 17).

Frischauer — reforçando a idéia de que escreveria uma biografia verossímil — assinalou os outros cuidados que teve em seus contatos com Getúlio Vargas, reafirmando que não se deixava enganar.

Diz-se dos chefes de Estado que, obrigados, por dever, a tratar com muita gente, acabam misantropos. [...] Talvez Getúlio Vargas simule, apenas, a qualidade oposta. Entretanto, observo-o com atenção, e ele não o sabe... [...] Controlo porém a simpatia que me inspira, produto, talvez, da que ele me demonstra. [...] Getúlio Vargas pergunta-me se o observei bem e vejo, nitidamente, que o observado, agora, sou eu. Penso, involuntariamente: será que ele quer escrever minha biografia? [...] Passei um ano inteiro coligindo dados, documentos e cartas, interrogando amigos, inimigos, antigos colegas, antigos chefes e subalternos, visitando os lugares do nascimento e permanência de Getúlio Vargas, para entrar no âmago de sua vida e identificar com ele. E ele, de saída, identifica-se comigo. [...] A explicação dessa carreira extraordinária está no conhecimento dos homens, e na capacidade de lidar com eles, que Getúlio Vargas adquiriu no transcurso de uma luta pela vida, dura e cheia de alternativas (FRISCHAUER, 1944: 22-3).

Exemplo de ameaças a Getúlio Vargas: os comunistas

Para Paul Frischauer, socialistas e “nacional-socialistas” eram aliados. Haviam se aliado para debilitar ao máximo o governo brasileiro e criar a situação propícia para a vitória ou dos comunistas ou dos “nazistas”, evidentemente que cada um dos lados esperava sair vencedor. “[...] Foi Getúlio Vargas alvo dessa mesma frente única, em que comunistas e nacionais-socialistas (*sic*) se davam as mãos” (FRISCHAUER, 1944: 11).

Conforme o autor, o comunismo nunca teve muito apoio no Brasil, algo facilmente constatável acompanhando-se a trajetória de Luís Carlos Prestes. Desde 1924, seu prestígio crescera enormemente, “[...] mas, quando esse hábil oficial, que se ligara, no exílio, a agitadores esquerdistas, ameaçou transformar o movimento revolucionário em um *putsch* comunista, a maior parte de seus companheiros mais íntimos afastou-se dele” (FRISCHAUER, 1944: 254). Muito cedo, segundo o autor, esses outros oficiais perceberam que a “[...] única esperança de progresso do Brasil no triunfo de uma revolução” (FRISCHAUER, 1944: 255), era dar a Getúlio Vargas o governo da República.

No entanto, havia, segundo o autor, outros pontos no país vulneráveis à penetração do ideário comunista: os estados do norte.⁵ Getúlio Vargas sabia disso, mas, por outro lado, compreendia, de alguma forma, as razões dessa penetração. Conforme Frischauer, desde a leitura de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, Getúlio Vargas tinha noção da miséria e do abandono do norte do país. Ele teria dito, segundo Frischauer, que considerava “[...] um compromisso de honra do meu governo, senão de todo saldá-la [a dívida com o norte], pelo menos encaminhar, com segurança, o tardio pagamento” (FRISCHAUER, 1944: 307) Assim,

[...] o desespero de homens e mulheres mal alimentados e mal alojados eram terreno favorável a toda e qualquer propaganda subversiva, que promettesse mudança e melhora das condições de vida. Mais de um grupo político aproveitava a situação existente para incitar a população à revolta, mediante panfletos, discursos, formação de células (FRISCHAUER, 1944: 308).

Contudo, para “piorar” a situação, os comunistas voltavam à carga, utilizando-se para isso do regime constitucional e da “total liberdade da organização partidária”. Eles “[...] se haviam camuflado, organizando um partido chamado ‘Aliança Nacional Libertadora’” (FRISCHAUER, 1944: 320). O seu chefe era Luís Carlos Prestes, que, depois de seu retorno ao Brasil,

[...] formara um comitê revolucionário completo. É verdade que perdera todos os velhos amigos militares, mas adquirira novos, também militares, que se declaravam prontos a tentar um levante, a fim de promover uma revolução comunista (FRISCHAUER, 1944: 320).

No dia 27 de novembro de 1935, eclodiu a “revolução comunista”. Conforme Frischauer, as agências telegráficas estrangeiras afirmavam que Getúlio Vargas teria poucas probabilidades de resistir a ela — “a publicação dessa notícia demonstrava como era pouco conhecido no exterior o patriotismo dos brasileiros” (FRISCHAUER, 1944: 323).⁶

O foco da “revolução comunista” era o quartel da Praia Vermelha, que encontrava-se a poucos quilômetros do Palácio Guanabara, residência oficial da presidência da República. De acordo com Frischauer, o movimento não teve apoio popular,

[...] o proletariado do Rio não tomou parte no levante. A agitação não o atingiu ou deixou-o frio, pois suas exigências e aspirações haviam sido realizadas, ou estavam prestes a realizar-se, por meio da obra de assistência social do Governo. Além disso, o operário brasileiro, cuja vida familiar transcorre sob a influência da religião

⁵ O autor quando se referiu aos estados do norte, considerava a região norte e nordeste. Referiu, portanto, ao norte da região rica do país.

⁶ O autor não indicou quais os veículos que teriam publicado essa notícia.

católica, é absolutamente hostil às soluções extremas. A revolução comunista constituía, justamente, uma outra forma de expressão do velho e costumeiro jogo das forças políticas brasileiras. Os ambiciosos, sedentos de poder, pretendiam alcançá-lo, por meio de uma decisão violenta, utilizando para isso, os prenúncios esquerdistas (FRISCHAUER, 1944: 324).

De acordo com Frischauer, quando eclodiu o movimento, o presidente da República não teria ficado parado e protegido no Palácio Guanabara. Pelo contrário,

[...] Getúlio seguiu, também, para a Escola de Aviação, acompanhado, de novo, unicamente, por seu ajudante de ordens [antes Getúlio já se deslocara rumo ao Ministério da Guerra, para dar ordens de ação contra os insurgentes na Praia Vermelha]. Havia luta, e ele queria estar presente no lugar do combate. As velhas experiências das incessantes guerras civis, no Rio Grande do Sul, haviam-no tornado insensível ao perigo (FRISCHAUER, 1944: 324).

A preocupação de Getúlio Vargas, em última análise, é garantir a unidade nacional, como frequentemente reafirma Frischauer, ameaçada por rebeliões que buscavam fraturar a união pátria. Assim Getúlio por sua sensibilidade e conhecimento era o personagem capaz de garanti-la. Conforme Girardet:

Como quer que seja, em tudo o que mostra assim de constante, de insistente e de repetitivo, essa exaltação do tema da unidade tem, com toda evidência, valor de exorcismo. Trata-se de assegurar para sempre a vitória das forças centrífugas sobre os fatores contrários de rompimento e divergência; de prevenir e de rechaçar as ameaças sempre presentes de ruptura e de discórdia (GIRARDET, 1987: 163-4).

Vale destacar que ao analisar essa série de episódios que envolveram diretamente Getúlio Vargas, Frischauer reforçou a imagem de um personagem corajoso, que compreende o seu “povo” e absolutamente coerente com sua trajetória. Experiências vivenciadas por Getúlio na sua infância e juventude são retomadas na construção de Frischauer, como, por exemplo, o embate armado — Getúlio vivenciara vários — que representaria uma herança trazida de São Borja sua terra natal e do Rio Grande do Sul, palco de vários conflitos civis.

Segundo a tese do autor, as razões da “diminuta” participação proletária no comunismo e no levante, achavam-se na íntima relação de Getúlio Vargas com o proletariado, através do atendimento de suas reivindicações. Não seriam, portanto, necessárias revoluções, rebeliões ou revoltas, pois o presidente estaria atento as suas demandas, consideradas, pelo autor, e, também, por Vargas, como absolutamente justas.

Além disso, a narrativa de Frischauer coincide com as formas de narrativa mitológica identificadas por Girardet. Segundo ele, imagens de um complô, objetivando dominar o mundo, e da manipulação dos meios de comunicação são muito comuns em

construções dessa natureza. Assim, nos relatos que tratam das “grandes conspirações” aparecem imagens do seguinte tipo:

Eles fazem todos os esforços possíveis [...] para que todas as agências dos Correios, em todos os países, sejam confiadas apenas a seus adeptos [...] Assim, uma gigantesca rede de controle de informações estende-se sobre o conjunto do corpo social. Primeiro objetivo visado, o poder político permanece, evidentemente, o terreno privilegiado daquilo que não pode deixar de aparecer como um empreendimento sistemático de investida e manipulação (GIRARDET, 1987: 38).

E, finalmente, sublinhem-se as estratégias utilizadas por Frischauer ao denunciar a presença e a ameaça comunista ao Brasil e ao governo. Os argumentos utilizados pelo autor indicaram, de maneira persistente, a incongruência do regime democrático com as necessidades daquele momento. Assim, teria havido toda uma preparação para o fechamento do espaço político, em virtude da ação de “grupos inescrupulosos, ambiciosos e sedentos de poder”, uma “característica das forças políticas brasileiras” e que tanto criavam obstáculos à tarefa do presidente Getúlio Vargas de reconstrução nacional.

Referências bibliográficas

Cultura Política, ano 03, número 33, out. 1943, p. 187-88.

Cultura Política, ano 04, número 40, maio 1944.o 33, p. 216-7.

Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB). ABREU, Alzira Alves de (org.). 5 volumes. Ed. revista e atual. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

FRISCHAUER, Paul. *Presidente Vargas: Biografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1944 [1ª ed. 1943].

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

HENRIQUES, Affonso. *Ascensão e queda de Getúlio Vargas*. 3 volumes. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1966.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. 6 volumes. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LIMA, Cláudio de Araújo. *Mito e realidade de Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955.

OLIVEIRA, Lucia Lippi, VELLOSO, Mônica, GOMES, Ângela de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.